



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração de obras do PAC e anúncio de financiamento
do BNDES nas comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo**

Rio de Janeiro-RJ, 18 de agosto de 2009

Eu quero, primeiro, cumprimentar o nosso querido governador Sérgio Cabral,

Quero cumprimentar o prefeito Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o nosso querido vice-governador, o famoso Pezão,

Quero cumprimentar o ministro Marcio Fortes, das Cidades, e o ministro Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o nosso deputado federal Luiz Sérgio,

Quero cumprimentar o nosso querido Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Nelma Souza Tavares, superintendente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o Marco Antônio Silva de Carvalho, presidente da Associação dos Moradores de Pavão e Pavãozinho,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Bezerra do Nascimento, presidente da Associação dos Moradores do Cantagalo,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria das Dores, esposa do Donga,

Quero cumprimentar a Lígia dos Santos, filha do Donga,

E o Marcelo Vianna, neto do Pixinguinha,

Quero cumprimentar os companheiros do Pavão-Pavãozinho, companheiros do Cantagalo, companheiros da Rocinha, que estão ali,

Quero cumprimentar os jornalistas – como ninguém aqui almoçou ainda, eu vou ser muito breve,



Cumprimentar os secretários e as secretárias de estado do Sérgio Cabral,

A nossa querida Regina Casé – eu nunca tive uma pessoa tão importante me assistindo, assim, falar – a nossa querida Regina Casé,

Quero cumprimentar vereadores, deputados,

Companheiro Sérgio, você devia ter chorado. Sabe por quê? Porque nós, homens, aprendemos que chorar é coisa de mulher, e nós temos uma facilidade imensa para rir – tem gente mal-humorada que não ri nunca – e nós temos vergonha de chorar. Quando chorar é o gesto mais nobre que a gente pode fazer, Sérgio, sobretudo um governante. Você tem duas formas de chorar: ou você está sendo achincalhado pelo povo e chora de vergonha, ou você chora de orgulho porque está realizando um compromisso, uma reivindicação e uma necessidade do povo mais pobre do Rio de Janeiro. Essa é uma coisa nobre que todos os governantes deveriam fazer.

Eu estou aqui pela segunda vez. Eu vim aqui bater a estaca no início dessas obras e vocês viram que o companheiro Pezão, ao falar, ele insinuou as dificuldades que nós temos para fazer uma obra, qualquer uma, no Brasil. Se a Regina Casé fosse governadora do Rio de Janeiro ou presidente da República e ela tentasse fazer uma obra, ela iria descobrir que o Brasil durante 25 anos ou 30 anos, em que a gente não conseguia investir, a chamada época da década perdida, nós fomos atrofiando a máquina administrativa e fomos fortalecendo a máquina fiscalizadora. Então, hoje no Brasil é uma coisa extraordinária, nós temos o engenheiro do Estado, que ganha R\$ 5 mil e temos um engenheiro para fiscalizá-lo que ganha 20. É uma coisa extraordinária. Como o Brasil não conseguiu crescer durante toda a década de 80 e de 90, nós criamos uma máquina fiscalizadora poderosa e uma máquina de execução débil. E como a gente quando é oposição, a gente acha que todo mundo é



ladrão, a gente então vai criando mecanismos legais para dificultar as coisas de acontecerem.

Eu brinco sempre, eu brinco sempre, que quando eu fui eleito deputado constituinte, eu levei para o Congresso Nacional, feito por um grande jurista brasileiro, um projeto de Constituição acabada. Eu era presidente de um partido que só tinha dezesseis constituintes – está lembrado Bené? – e no dia em que abriu a Constituinte eu entreguei na mão do doutor Ulisses Guimarães um projeto de Constituição e mais ainda, Sérgio, o Regimento Interno da Constituição. Ora, hoje eu dou graças a Deus do projeto que eu apresentei não ter sido aprovado porque senão o governo não governava. Porque quando a gente é oposição, a gente faz a coisa não (incompreensível), mas a gente faz as coisas para fiscalizar os outros. Hoje, quando a gente... às vezes pode nem ser maldade, às vezes é que no Brasil é uma questão cultural: você acaba de eleger um prefeito no dia 1º de janeiro, no dia dois você já está achando que ele não presta. Não dizem que no casamento o casal quando casa, no dia seguinte, a vizinha é mais bonita, ou o vizinho é mais bonito? Na política é a mesma coisa, na política é assim: olha, o que está acontecendo no Brasil hoje, e esse é um dado importante é que nós estamos, aos poucos, tentando mudar a forma de fazer e a forma de compreender a questão de política. De vez em quando a gente sofre com isso, e sofre muito. Vocês sabem por que tem tanta coisa de corrupção na televisão e nos jornais? É porque a corrupção só aparece nos jornais quando você está investigando, que alguém denuncia. Se você quiser jogar embaixo do tapete, ninguém vai saber que tem corrupção. É só perguntar aqui no Rio de Janeiro ou em qualquer lugar do Brasil quanto nós contratamos de novos policiais federais. Quanto que o Sérgio Cabral tem que renovar a sua polícia, quanto ele tem que fazer de investimento para a gente colocar gente nova, não-viciada, para que a gente comece a apurar.

Noel, se você hoje analisar, você vai perceber... nós fizemos até uma propaganda na televisão, agora, de um mineirinho falando: “onde está o meu



dinheiro?” Não sei se vocês já viram. É para a gente dar um pouco de noção à sociedade de como é que as coisas acontecem no Brasil. Nós temos uma coisa chamada Controladoria-Geral da República. Noventa por cento das coisas que o Tribunal de Contas investiga e 90% das coisas que a Polícia Federal investiga é a Controladoria-Geral da República que tem em cada ministro representante, que pede a fiscalização, se a gente estiver suspeitando de alguma obra onde tenha dinheiro federal. Eu não posso fiscalizar o dinheiro do estado do Rio ou da prefeitura. Mas se tiver um projeto com dinheiro do governo federal, a Controladoria pode fiscalizar.

Pois bem, o que acontece no Brasil hoje? Por que essa obra não foi inaugurada antes? É porque as barreiras para você transpor são muitas. Primeiro, você tem um problema de fazer licenciamento prévio. Eu fico pensando: se a gente visse como era isso aqui, e a gente vai fazer uma coisa bonita como aquela ali, não precisaria nem licença prévia. O pessoal do Ibama deveria agradecer só pelo fato de se estar fazendo uma coisa nova no lugar de uma coisa que estava apodrecida. Mas não é o Ibama que cria caso, não é o pessoal do Ibama que é ruim. É que a lei que nós aprovamos exige que seja feito assim. Não vamos culpar os funcionários do Ibama, o ministro ou a secretária do Ibama, não. É a lei que exige que seja assim. Depois, Regina, que a gente consegue o licenciamento prévio, você, então, está pronto para fazer licenciamento, você abre a licitação, publica edital. Tem gente que entra com processo já no edital. Tem gente que não concorda com o edital, entra com processo, aí a licitação é suspensa. Aí você fica esperando três ou quatro meses no Poder Judiciário ou, às vezes, seis meses ou mais. Aí quando você resolve a licitação... Abre-se a licitação. Então, apresenta lá um monte de empresas, está lá... cada uma, você vai escolher sempre a que ofereceu o preço mais barato e nem sempre o mais barato é melhor. No Nordeste nós aprendemos que o barato fica caro, não é? Então, é preciso combinar o preço com a qualidade técnica do serviço prestado para a gente dar uma empresa



como vencedora. Aí, o que acontece? A empresa que perde... Vamos supor que tenha dez empresas, oito concordaram com o resultado, mas uma achou que tinha o direito de ganhar, entra na Justiça. Aí é mais um ano, mais um ano e meio, não é isso, Pezão?

Aí, quando você resolve tudo isso, qualquer cidadão brasileiro pode fazer uma denúncia ao Ministério Público, que vem fazer mais uma investigação e manda parar a obra por mais um tempo. Vai para o Poder Judiciário, mais um tempinho parada a obra. Quando está tudo resolvido, vem o Tribunal de Contas da União. Aí faz uma investigação e diz: tem sobrepreço. A empresa diz: não tem. “Tem”, “não tem”, “tem”, “não tem”, “tem”, “não tem”. Às vezes ficam oito meses nesse “tem”, “não tem”. Aí daqui a pouco, não tinha. Aí começa a obra do jeito que ficou paralisada, e as pessoas não levam em conta o prejuízo que o País tem e que a comunidade tem de você ter uma obra oito meses parada, um ano parada, dois anos parada. Quando, na verdade, se você descobre que tem um sobrepreço, entra logo com uma ação na Justiça e, quando chegar no final da obra, não paga e vai brigar. O que o empresário faz quando o Sérgio diz: “O Tribunal de Contas mandou eu segurar 30% do que eu estou te pagando”? A empresa fala: “Mandou segurar?” “Mandou”. “Eu vou embora”. Deixa as máquinas paradas, leva os funcionários e o Sérgio fica chupando dedo, esperando a coisa se resolver.

Então, eu quero dizer para vocês... Eu tenho feito essa denúncia todo santo dia porque é preciso que a gente tenha consciência de que o Brasil tem que ser destravado. Vocês viram o Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento dizer aqui que está emprestando dinheiro para fazer delegacias. Quem é que imaginava na vida, o BNDES, que até cinco anos atrás não tinha dinheiro para emprestar para fazer uma nova fábrica, agora se dá ao luxo de ter mais de 150 bilhões para emprestar, Regina Casé, mais do que o Banco Mundial? Olha que Luciano chique! Mais do que o Banco Mundial. Ou seja, e agora nós estamos emprestando dinheiro para o governo do estado



fazer o quê? Fazer delegacia, formar soldados, colocar mais tecnologia e mais conteúdo científico na formação do nosso soldado, para que a polícia seja uma polícia tão civilizada, que ela seja dura quando tem que ser dura, mas seja educada quando tem que ser educada, e que não veja no ser humano que mora em um lugar como Cantagalo, primeiramente, como um bandido: primeiro atira, mata, para depois descobrir que não era bandido. Não é assim que nós queremos a polícia. Mas também não queremos um estado onde a polícia chega e corre de medo dos bandidos. Não queremos. Nós queremos uma polícia bem preparada, que converse, que faça investigação, que prenda a quem tiver direito, que puna quem tiver que ser punido, mas que deixe as pessoas inocentes vivas.

E é por isso que eu quero dar os parabéns ao nosso Governador, de estar tomando dinheiro emprestado para poder fazer deste estado... porque cada filme que a gente assiste, da polícia do Rio de Janeiro... ou seja, o povo é levado a ter mais medo da polícia do que do bandido. Então, na hora em que você investe para formar policiais, para educá-los, para prepará-los, para dar inteligência para eles, eu, Sérgio, quero te dar os parabéns, porque isso é uma revolução sua, como governador, e uma revolução da cultura do BNDES.

Porque o BNDES é um banco sofisticado, gente. O BNDES é *finesse*, tem poucos bancos com a quantidade de gente de formação de excelência como tem o BNDES. É gente grande. Regina, você não sabe o que é isso. Você precisa fazer uma entrevista no BNDES, ir lá entrevistar os caras, lá.

Bem, mas só que eles têm um manual. Você sabe que na repartição pública todo mundo tem um manual: “pode ou não pode, pode ou não pode”. Se aparecer uma novidade, eles não sabem o que fazer, porque a formação é: “pode e não pode, pode e não pode, pode e não pode”. E por que é assim? Porque se um servidor público liberar dinheiro para fazer alguma coisa, e o Tribunal de Contas ou o Ministério Público achar que ele fez um ato ilegal, a primeira coisa que fazem com ele é disponibilizar os seus bens, processá-lo, e



a União não o defende. Ele tem que contratar advogado particular para defender. E aí as pessoas começam a ficar com medo de fazer as coisas.

A primeira vez que eu tive acesso ao Banco do BNDES eu perguntei para o presidente, que não era o Luciano Coutinho. Eu falei: escuta aqui, entre uma empresa mandar o dinheiro para o BNDES e vocês liberarem o dinheiro, quanto tempo leva? “Olha, se tudo correr bem, levam 275 dias, se tudo correr bem”. Eu não sei como está agora, mas eu falei para o Luciano: pelo amor de Deus, Luciano, pelo amor de Deus, “bicho”, com 275 dias dá para nascer duas crianças. Tem que ser no máximo o tempo de gestação de uma criança. Agora são seis meses. Aí, já melhorou.

Por que, o que acontece? É muita gente que tem que decidir. Então o papel passa na minha mesa, eu pego, eu falo: ah, tem um probleminha aqui. Aí eu passo para a mesa do Sérgio: ah, tem outro probleminha aqui. Daqui a pouco esse papel está carcomido de tanto andar. Então, nós estamos melhorando isso, melhorando, e eu acho que o Brasil está sendo destravado. Eu trabalho com a ideia, Governador, de que dentro de dez ou 15 anos este Brasil está afiado para que a gente seja, do ponto de vista gerencial, administrativo, melhor do que qualquer país do mundo.

Bem, eu precisava dizer isso para justificar, muitas vezes, a cobrança que eu faço do Pezão. Não pense que eu não cobro do coitado do Pezão. Cada vez que eu vejo o Pezão com um papel na mão eu já falo: vai me pedir mais dinheiro. Mas, ao mesmo tempo, eu pergunto: Pezão, como está tal obra, o que está acontecendo? Por que não saiu o anel viário? Por que não saiu o anel viário? E aí eu vou cobrando, e vou cobrando, e vou cobrando. E o Pezão, mais dinheiro. E eu, mais cobrança. Mais dinheiro e mais cobrança. O dado concreto é que as coisas estão andando e eu queria dizer para o Sérgio Cabral: da mesma forma que eu não acredito que no mundo um presidente tenha um vice da qualidade que eu tenho, eu acho que pouca gente tem o privilégio de ter o vice-governador que você tem, Sérgio. Companheiro de



qualidade.

Bem, para terminar... Para terminar, eu queria dizer para vocês que, ainda hoje, eu cobreí do Pezão: cadê o hospital da Rocinha que nós anunciamos lá? Porque nós anunciamos lá. Eu estava lá quando nós anunciamos. Agora, ele está dizendo que em setembro vai inaugurar o quê? Uma UPA, super UPA, super UPA.

Eu não vou contar a história do “tchó” não, mas eu espero que a super UPA cumpra o papel do super hospital para a gente atender na plenitude os companheiros da Rocinha porque a Rocinha é um dos lugares que têm mais tuberculose no Brasil então, nós precisamos diminuir. Mas o meu sonho mesmo é transformar... acabar com o nome “favela” no Brasil. O meu nome [sonho] é que todo mundo passe a ser chamado bairro, bairro... o bairro do Cantagalo, o bairro do Pavão-Pavãozinho, o bairro do Complexo do Alemão, o bairro de Manguinhos, o bairro onde mora a Benedita, de Chapéu Mangueira, o bairro não sei daonde... acabar com essa coisa favela e transformar em um bairro com rua, com luz, com água, coleta, tratamento de esgoto, área de lazer, área de lazer, com “Mãe da paz”, com tudo, com ponto de cultura, com centro de lazer, tudo o que as pessoas têm direito.

Olhem, eu entrei naquele apartamento ali, eu falei para o Pezão: Pô, Pezão, vê se dá um jeitinho aí, e eu tenho que ter um apartamento aqui para olhar para praia, porque lá onde eu moro em São Bernardo, quando eu saio à janela eu vejo a Volkswagen; abro do outro lado vejo um supermercado grande, que é um tal do Wall Mart, olho para o outro lado vejo a fumaça da Mercedes-Benz. Puta, aqui, você... os companheiros abrem a janela e veem lpanema... eu acho, acho uma coisa, eu sinceramente, já visitei muita casa, já, já... mas olhe, olhe, isso aqui Sérgio, isso aqui merece que a grande imprensa brasileira tire uma fotografia e repita àquela mensagem que você falou do Jornal Extra: “Parece a Tijuca, parece a Zona..., acho que era Tijuca, Zona Sul, mas é o Cantagalo, é o Alemão, é o Pavãozinho”.



Nós não estamos fazendo nada demais, apenas dando ao povo pobre deste País o que ele merece! Apenas isso! Restabelecendo, restabelecendo, o direito à dignidade das pessoas, restabelecendo o direito do orgulho próprio, da pessoa não levantar de manhã com vergonha de ver o seu filho ser mais maltratado do que o outro, de não precisar andar que nem um condenado duas horas para chegar no lugar do ônibus, de não ficar subindo, agarrando, em moita de mato para poder subir o morro, quando a gente pode fazer as coisas mais dignas, as coisas mais acessíveis. Não tem nenhum luxo, tem apenas decência. Não tem nada que a gente possa dizer “está gastando dinheiro com luxo”. A gente pode dizer “estão gastando o dinheiro com dignidade, com honradez e cumprindo com aquilo que o nosso povo precisa”: ser respeitado pelos governantes, que prometem tanto durante as eleições e que deixam de fazer tanto depois que ganham.

Para terminar, vocês vão me ouvir encher o saco de vocês muito tempo, porque nós temos muita coisa para inaugurar aqui. Agora, nós fizemos um sacrifício enorme para plantar, mas agora é a hora da colheita. Nós agora temos muita coisa para inaugurar em todo o Rio de Janeiro, muita coisa; muita coisa em quase todas as favelas do Rio de Janeiro, que nós vamos terminar chamando tudo de bairro; em São Paulo, em Pernambuco, no Ceará, na Bahia, em Sergipe, em Roraima, em Rondônia, no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul. Não tem capital deste país, hoje, que não tenha uma quantidade de obras que tem no Rio de Janeiro ou que tem em São Paulo.

Uma coisa sagrada é a relação entre prefeitura, governo estadual e governo federal. Aqui, eu quero confessar uma coisa para vocês: habitualmente, na política brasileira, um governador não gosta de levar recursos em uma cidade em que o prefeito não é do seu partido. Um presidente não gosta de levar dinheiro em um estado que não é do seu partido, ou o prefeito. E um prefeito não gosta de fazer obras em um bairro em que a oposição é muito forte. Isso, nós quebramos, porque não pode ter



mesquinha, como diz o nordestino: “velhaquice” na política. A minha relação pessoal com o prefeito do Rio de Janeiro é uma coisa particular. A minha relação pessoal com o Sérgio Cabral é particular. Mas ela vale para o Serra, vale para o Aécio, vale para o Eduardo Campos, vale para qualquer lugar. Agora, a minha relação e a relação deles não pode privilegiar e sobrepor a relação que o prefeito, o governador e o presidente têm que ter com o povo brasileiro, que é a razão pela qual nós governamos este país.

Saio daqui e vou levar a foto deste prédio porque acho que vocês estão conquistando uma coisa que há muito tempo deveriam conquistar. O que me entristece é saber que isso aqui, 50 anos atrás, não era assim. Tinha poucas casas aqui, tinha poucas casas. Se a gente tivesse cuidado quando chegou a primeira casa a segunda ou a terceira, você tinha evitado a ocupação desordenada e feito programas habitacionais melhores. Mas como em campanha política todo mundo gosta de pobre... Como político adora pobre! Não tem nada mais extraordinário em campanha política, porque os caras... todo mundo fala mal de banqueiro, e fala mal de empresário, mas de pobre, todo mundo adora.

Agora, só que depois das eleições, não são todos os pobres que estão organizados. Aí, então, quem é que tem o jogo de pressão? O coitado do Paes ganhou as eleições aqui, cinquenta e poucos por cento. Uma briga desgraçada e tal, acusação, porque tinha setores que tinham outros candidatos e aquele negócio todo, sabe como é que é. Aí, ele ganhou as eleições. Ganhou com a parte mais pobre do Rio de Janeiro, ganhou com a parte mais pobre. E ele está cumprindo com a palavra dele, de subir nos morros, de fazer as coisas para os pobres. Mas se a gente não tomar cuidado, quem tem poder para marcar audiência com você não é o pobre. O pobre, às vezes, não tem nem telefone. Ou seja, é normalmente a classe mais rica que tem: audiência, almoço, café, janta, coquetel e não sei das quantas. Aí você vai, você vai... Daqui a pouco você está envolvido, você esqueceu os pobres.



E o meu papel, junto com esses meninos aqui – eu digo meninos porque são todos mais novos do que eu – o meu papel é tentar mudar a lógica da política brasileira. Ou seja, nós, os políticos brasileiros, temos que governar para todo mundo. Ou seja, o empresário rico, que precisa de investimento do Estado, nós temos que fazer, porque ele vai gerar emprego. Agora, o que a gente não pode perder de vista nunca é de que lado a gente está e qual é o lado que é prioridade para nós, porque tem uma parte que precisa menos e tem uma parte que precisa mais. Então, nós temos que pegar...

Eu lembro sempre o papel da mãe. Uma mãe que tiver 10 filhos, se ela tiver nove brincando e um estiver tristezinho, em um canto, é para aquele filho mais tristezinho que ela vai cuidar, que ela vai dar mais alimento, que ela vai pegar no colo. O resto está brincando, está bem.

Nós, no Brasil, temos que cuidar de todo mundo, mas nós temos que lembrar que tem milhões de brasileiros que, ao longo desses anos todos, foram jogados para a ribanceira, foram esquecidos, é para esse que nós temos que priorizar as nossas obras: na educação, na saúde, no transporte, na habitação, na geração de emprego.

Então, eu quero dizer para vocês... Na outra vez que eu vim aqui, o nosso companheiro – deixa eu ver o nome dele aqui – o Marco Antônio... Você viu que nós já popularizamos ele. Ele estava de gravata da outra vez que nós viemos aqui, estava metido. O “bichinho” já pensava que era presidente. Estava aqui de terno e gravata. Aí, como eu venho assim meio esculhambado, igualzinho vocês estão, ele hoje está popular. Hoje ele está vestido normalmente, como cidadão comum aqui do Pavão-Pavãozinho, e não como se fosse o prefeito de Pavão-Pavãozinho.

Olha, gente, eu volto para São Paulo, hoje à noite, vou contar para Dona Marisa o que eu vi aqui, ou seja, eu vi a cara dessas meninas que receberam essas casas aqui. Vamos ser francos: alguém sair de um barraco feito com zinco, com madeira remendada, onde as baratas disputam espaço, sabe, rato...



Nem me fala, nem me fala. Então, veja... Nem, rato está maior do que gato, agora.

Lá na Praia do Futuro, antigamente, lá no Ceará, a gente ia à praia, lá na Praia do Futuro, tinha rato deste tamanho, que os gatos... Você estava comendo, os ratos estavam em baixo da mesa, querendo lamber a sua unha. Era ratazana que chamava. E isso é resultado da sujeira. Então nós temos que fazer coleta. Agora, cada companheiro não tem que esperar o estado fazer, cada um pode cuidar da sua casa e da sua rua. Se cada um não deixar lixo dentro de casa... Porque tem malandro, também, entre nós. Tem um que pega o saco de lixo e acha que ninguém está vendo e joga no meio da rua. Então é preciso que todo mundo seja responsável, que cada um cuide da sua casa, da sua rua, da sua vila, do seu bairro e da sua cidade. Afinal de contas, o Rio de Janeiro é de vocês. Quanto mais bem falado for o Rio de Janeiro, mais vocês ganham. Quanto mais mal falado for o Rio de Janeiro, mais você perde. É como a dengue. A gente fica culpando o Ministério da Saúde, secretário da Saúde. A verdade é o seguinte: se cada um cuidar da sua casa, e milhões, cada um cuidando da sua casa, o que vai acontecer? A gente não vai ter mosquito da dengue. Mas se a gente ficar em casa xingando o governador, xingando o prefeito, xingando o presidente, xingando o secretário, xingando não sei das quantas, o mosquito está zumbindo ali, na nossa cabeça, daqui a pouco dá um pocotó em nós, e nós pegamos dengue. A Bené já pegou dengue, porque não deve ter cuidado do espaço dela, viu? Não deve ter cuidado. Então, gente... Ela cuidou. Mas quando eu fui lá comer a feijoada no Chapéu Mangueira, antes eu mandei os meus mosquiteiros para matar os mosquitos lá.

Então, gente, olhem, eu vou voltar aqui mais algumas vezes porque tem mais casas para inaugurar. Não pensem que eu vou deixar o Sérgio e o Paes inaugurarem sozinhos. Eu estarei aqui com eles, aqui, ó... estarei aqui com eles.



A alegria na cara dessas pessoas que receberam a chave é uma coisa contagiante. Eu entrei dentro da casa, eu vi o espaço de decência que as pessoas conquistaram: caminha; quartinho pequeno, mas decente; banheiro decente, limpo. Sabe, eu acho que daqui a dez anos, quando chegar um turista aqui no Rio de Janeiro... porque aqui no Rio também tem uma desgraça, viu? No hotel... tem hotel que o cara fala: “Eu posso passear na praia?” “Cuidado, que é perigoso”. Olhem, eu frequento o Rio há 25 anos, eu nunca fui à praia. Mas já parei – quando eu não era presidente – eu parava muito em (incompreensível) para tomar um chopinho, tomar alguma coisa, e eu nunca vi nada. Eu também nunca fui em lugar que eu não podia ir, nunca me meti em um mundo que eu não conhecia. Agora, a questão da violência existe aqui, existe em São Paulo, existe em Pernambuco, existe no Ceará. Depende da forma que a gente divulga ela, se a gente quer orientar ou se a gente quer amedrontar.

Então, eu penso que nós temos que trabalhar essa coisa maravilhosa do Rio de Janeiro. Quando eu digo a gente recuperar o Rio de Janeiro, é porque, gente, Deus quando fez o Rio de Janeiro e botou a mão aqui, isso aqui é para ser um lugar especial. Imaginem se a minha Garanhuns tivesse um Pão de Açúcar. Lá tem um tal de pãozinho sovado, pequenininho, baixinho. Mas eu acho que nós estragamos o Rio de Janeiro. Quando eu digo somos nós, [nós] seres humanos fomos estragando o Rio de Janeiro. Está na hora de a gente recuperar. E se tem uma coisa que eu quero dar a minha contribuição, é não faltar com o esforço que o governo federal puder fazer para que a gente restabeleça no Rio de Janeiro a beleza que o Rio tem, como uma coisa conquistada pela natureza e, sobretudo, recuperar a cidadania e a autoestima de cada cidadão carioca.

Um grande abraço, um grande beijo. Parabéns, Sérgio Cabral. Parabéns, Eduardo Paes. Parabéns, Pezão. E parabéns ao povo do Rio de Janeiro.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)